

VIVÊNCIAS FORMATIVAS NA GRADUAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PESQUISADORA NA PESQUISA EQUIDADE.INFO

Karen Nicole Abelhan Alves da Silva¹
Sandra Novais Sousa²
Miriam Brum Arguelho³

Eixo 1 – Formação docente, políticas educacionais e práticas educativas

Resumo: Este relato de experiência tem como foco a participação como bolsista em um projeto de pesquisa em andamento, denominado Equidade.info, em parceria com o *Stanford Lemann Center* e a Escola de Graduação em Educação da Universidade de Stanford, supervisionado por professoras da Faculdade de Educação/FAED/UFMS. A intenção é refletir sobre as experiências de pesquisadora em formação no contexto da graduação e as contribuições para a iniciação científica. A metodologia utilizada neste relato é a de história de vida em formação, de cunho autobiográfico, que tem como premissa a ideia que a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Como resultados, aponta-se que, para a bolsista, a participação no projeto de pesquisa exerceu grande impacto no seu cotidiano, incluindo a percepção sobre a profissão, a compreensão das vivências dos professores da educação básica e, sobretudo, a oportunidade de expandir os conhecimentos da língua inglesa, da utilização de planilhas em Excel e de técnicas de raciocínio lógico, análise de gráficos e aplicação de questionários para a produção de dados. Conclui-se reconhecendo que a participação em projetos de pesquisa possibilita ao estudante de graduação a reflexão sobre a realidade vivida, ao mesmo tempo em que forma um pesquisador que se considera capaz de agir sobre essa realidade, contribuindo para a produção, análise e socialização de dados reais sobre as escolas, os estudantes e professores, o que pode contribuir para a criação de políticas públicas educacionais.

Palavras-chave: formação inicial; iniciação científica; narrativas autobiográficas;

Introdução

O texto foi produzido como uma narrativa sobre o processo de iniciação à formação para a pesquisa em Educação da primeira autora, que integrou um projeto de pesquisa sob orientação das coautoras desse trabalho.

De acordo com Josso (2009, p. 137) a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Dessa forma, a partir do parágrafo seguinte, todo o texto será narrado em primeira pessoa do singular, visando evidenciar, sob o olhar da estudante de graduação, as experiências formativas que foram propiciadas pela sua participação no projeto de pesquisa “Equidade.info”, desenvolvido em parceria com o *Stanford Lemann Center* e a Escola de Graduação em Educação da Universidade de Stanford.

¹ Acadêmica do Curso Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf).

³Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O início da experiência

A oportunidade de viver uma experiência de formação na pesquisa surgiu no contexto da disciplina de Currículo e Educação no Curso de Pedagogia/FAED em que as professoras Sandra e Miriam estavam selecionando estudantes para concorrerem a uma vaga de bolsista na pesquisa Equidade.Info.

Na ocasião ambas as professoras conversaram comigo e com outros colegas com o perfil socioeconômico próximo ao que os coordenadores da pesquisa haviam solicitado como prioritários: estudantes de baixa renda, com ingresso à universidade por meio de cotas, estudantes pretos, pardos, ou indígenas, dentre outros marcadores sociais da diferença.

Eu mostrei meu interesse de imediato, na ocasião era bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) na instituição, mas optei por abrir mão da bolsa para viver essa experiência de pesquisa que me pareceu extremamente interessante.

Além de preencher um formulário básico com algumas informações sobre mim e sobre minha família, participei de uma entrevista por meio do *Google Meet* com os coordenadores da pesquisa que residem no estado do Ceará. Pouco tempo depois recebi a informação de que havia sido selecionada, o que me deixou extremamente feliz, pois além do grande interesse e desejo de participar da pesquisa, o valor da bolsa iria ajudar muito na organização da minha vida financeira. Dessa forma, no dia 23 de maio de 2023 passei a integrar a equipe nacional de pesquisadores do projeto Equidade.info.

A proposta do referido projeto é contribuir para a criação de políticas públicas efetivas na área de educação brasileira, por meio de um painel representativo realizado de forma longitudinal, em que será possível produzir dados referente a escolas de diversas regiões do País, tanto públicas como privadas. Este projeto tem como proposta investigar a realidade das escolas brasileiras, no que se refere à percepção de alunos e profissionais da educação sobre a violência, as propostas pedagógicas, o ensino e a aprendizagem.

Como bolsista e autora da minha própria história formativa, tenho participado de formações que envolvem aulas de inglês duas vezes na semana, formações de *excel*, raciocínio lógico, análise de gráficos e capacitações mensais para aplicação de produção e coleta de dados.

Até o momento, foi possível observar que a experiência de participação nesse projeto possibilitou a ampliação e o contato com o mundo da pesquisa de campo, e também com os contextos e realidades da escola. Observar os alunos e alunas que transitam nos espaços escolares em que estou atuando e os homens e mulheres profissionais da educação nessas escolas tem sido uma experiência sem precedentes para mim.

O interesse por caminhos que se transformam, se traduz nas palavras de Paulo Freire (1997, p. 79) “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Essa citação me auxiliou na compreensão de que, embora seja um desejo idealizado de cada professora e professor, desenvolver ações com o propósito de mudar o mundo, a realidade nos mostra que é mais viável e possível pequenas e potentes microrrevoluções, ou seja, de acordo com Deleuze e Guattari (2010), ao invés da grande revolução, os pequenos acontecimentos. Importa nesse sentido focar nos movimentos e fluxos próprios do presente, nas microrrevoluções possíveis que poderiam ser operadas no aqui e agora, haja vista, que a política e a pedagogia são segmentos capazes de modificar e melhorar a vida de cada pessoa na sua individualidade e na coletividade em sociedade.

O projeto em questão tem possibilitado muitas experiências potentes de aprendizagem como estudante do curso de pedagogia, como pesquisadora e professora em construção. Essa oportunidade me permite ainda, vislumbrar a possibilidade de fazer uma pós graduação *stricto sensu* fora do país, em outro idioma, podendo assim me dedicar à pesquisa acadêmica como bolsista. Isso é realmente muito relevante para mim enquanto projeto de vida.

É preciso reconhecer que nessa experiência formativa nem tudo são flores e os principais desafios tem sido a minha total inexperiência com a pesquisa acadêmica, o processo de entrada no campo de pesquisa, a aplicação das ferramentas de coleta de dados, além dos percalços próprios da pesquisa que vão desde o planejamento que não se materializa na prática e a necessidade de ajustes constantes devido ao descompasso entre o real e o imaginado-planejado.

Além desses aspectos mais relacionados com a realização da pesquisa em si, ainda enfrento dificuldades com o grupo de coordenadores da pesquisa que são da área da economia e não da educação, o que acaba por gerar alguns ruídos entre o que se pensa ser possível e o que de fato é possível no contexto dos cotidianos, nos espaços escolares e nas instâncias de gestão desses espaços escolares.

Vale ressaltar que a pesquisa em questão é um estudo longitudinal que decorrerá ao longo de um ano, tendo iniciado em maio de 2023, envolvendo 100 escolas no território brasileiro. Nos âmbitos estadual, municipal e particular. No estado de Mato Grosso do Sul estão sendo pesquisadas 10 escolas, nos municípios de Dourados e Campo Grande. A nossa participação na pesquisa se restringe às escolas localizadas no município de Campo Grande.

No próximo tópico trago diversas experiências que vivenciei tanto no contexto pessoal, familiar, quanto no contexto acadêmico e que foram produzindo reflexões, posicionamentos, indagações e sobretudo o desejo de saber mais sobre mim e sobre o mundo para então ter mais clareza sobre os passos a serem trilhados na minha formação.

Trajetória acadêmica

O início da minha trajetória acadêmica se deu no ano de 2020 através do Sisu, na segunda chamada do curso de Pedagogia, entrei para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Universidade em que eu desejava estudar desde 2017, quando fiz meu primeiro ano do Ensino Médio. Na época eu ainda morava em Campo Grande. Mudei-me no final do ano de 2018 com a morte do meu avô, para Rondônia. O Enem foi minha grande porta de entrada para o curso de pedagogia, o qual escolhi no último segundo, quando notei em mim o sentimento de saudade do ambiente escolar junto com meu amor por crianças. Lembro de expor essas ideias à coordenadora do colégio onde eu estudava e receber a orientação “já pensou em pedagogia?”. Foi aí que eu comecei a pesquisar sobre o curso.

Precisei mudar de cidade para estudar na UFMS e assim que cheguei, como ainda tinha 17 anos, precisei da ajuda da minha família para realizar a inscrição, reunir a documentação e como eram informações bastante novas para mim, toda ajuda era bem vinda. Mas como a vida é feita de desafios, junto com todas as informações e situações novas também chegou a pandemia e o isolamento. Esse contexto de novidades me deixou imersa em medos, inseguranças e incertezas. Nunca fiquei tanto tempo longe dos meus pais e da minha irmã, algo que me deixou bastante desestabilizada emocionalmente. E pensar a quarentena longe deles me fez querer desistir em alguns momentos do curso que eu havia escolhido.

O curso começou para minha turma no segundo semestre do ano de 2020, quando estávamos no meio da pandemia. Todos os processos de socialização da turma

foram, de certa forma, perdidos porque precisávamos nos familiarizar com o ensino *online*. Entender o *Google Classroom*, o Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*, o *Google Meet*, *e-mail* institucional, *WhatsApp* da turma. Um verdadeiro mar de novidades, repleto de atividades complexas, dúvidas sinceras e acadêmicos perdidos. Não conhecer ninguém era um impasse bastante comum entre nós, mandar nossas dúvidas no grupo da turma nem sempre sanava as questões. Eu sempre buscava amigos meus que também estudavam na UFMS para tirar dúvidas, fui me agarrando às poucas certezas que eu conseguia e assim, venci os primeiros dois semestres.

No meio do segundo semestre meu pai pegou uma gripe, ele nunca ficou gripado, nada preocupante, que um chá caseiro não resolvesse. Mas era fevereiro de 2021, a covid matava mil pessoas por dia. Depois de tomar tudo que podia de remédio, inclusive hidroxicloroquina, meu pai ainda relutante decidiu ir ao médico. Decidiu porque começou a ter falta de ar. Foram duas semanas de internação, mas os órgãos dele começaram a não funcionar, meu pai tinha problema de pressão, coração e peso acima do ideal. Ele faleceu no dia 7 de março. Depois desse dia o mundo acabou para mim por um tempo. Sempre fui bastante ligada ao meu pai. Fazia tudo junto com ele, desde viagens, conversas e decisões.

Peguei férias de duas semanas no meu trabalho da época e, chorei por vários dias o tempo inteiro, eu não conseguia fazer nada sem que escorresse lágrimas de mim. Minha mãe veio à Campo Grande, junto com a minha irmã, para que eu não ficasse sozinha. Meus amigos tentaram me distrair, estudar me distraiu o suficiente para que eu terminasse o segundo semestre, sem reprovações. Minha mãe voltou para a cidade onde ela mora, durante as minhas férias do meio do ano. Ela mora em São Francisco do Guaporé - RO. Quando o terceiro semestre começou, ainda era *online*. E a tristeza em mim de alguma forma me paralisava, eu lembro de passar o final de semana deitada chorando, ciente de que tinha atividades para realizar mas sem força para isso.

Quem me ajudou nessa época foi minha turma. Passei em duas matérias, esse terceiro semestre, graças a quem me ajudou. O semestre seguinte foi presencial. A falta de experiência com o movimento importante de ir à Universidade todos os dias, foi um desafio para mim. E eu ainda não estava bem, acabei reprovando em mais algumas matérias. O que me deixou absurdamente mal. Sempre me cobrei muito tanto na minha vida acadêmica como na profissional também. Meu senso de responsabilidade é aflorado graças ao meu pai, que sempre me cobrava isso.

Quando o quinto semestre começou a professora Sandra veio falar comigo e me explicou que se eu reprovasse novamente minha matrícula seria cancelada. Eu havia me inscrito em várias matérias na intenção de recuperar o que eu tinha perdido. Depois da conversa eu cancelei as matrículas nas matérias a mais, assim como me foi orientado e me esforcei para não reprovar novamente, nas disciplinas obrigatórias desde então. Hoje, me encontro cursando o sétimo semestre e corre tudo bem. A professora Sandra tinha me dado aula em duas disciplinas anteriormente. Já a professora Miriam, conheci no sexto semestre, quando decidi recuperar uma das disciplinas em que reprovei no terceiro período.

As aulas eram sexta à noite, e de certa forma o modo como a professora Miriam trabalhava era muito interessante, ela fazia como que nós alunos, interagíssemos com as tecnologias em todas as atividades de alguma maneira. Nessa ocasião eu fazia parte do Pibid, que é o projeto de iniciação à docência, quando a professora Sandra me parou no corredor para falar do projeto Equidade.info. Ela me informou ter conversado com a professora Miriam sobre a minha participação no projeto. Mais tarde, a professora Miriam me explicou se tratar de uma proposta de iniciação científica com bolsa,

priorizando a participação de acadêmicos com marcadores sociais, vulnerabilidades e representatividade.

Quando conheci a proposta do projeto, tive bastante interesse em participar. No projeto estavam incluídas aulas de inglês e uma bolsa cujo valor era o dobro do valor pago pela bolsa do Pibid. Quando eu informei a professora Miriam sobre meu interesse em participar do projeto ela me informou que eu teria que passar por entrevista com os coordenadores nacionais e me pediu para preencher um questionário pessoal. Passei pela etapa de entrevista e consegui agradecer pela oportunidade de participar de algo tão significativo para a criação de políticas públicas para a educação, ainda durante a entrevista. Agradeci porque mesmo que não fosse selecionada para o projeto, ter sido cogitada para tal, me encheu de sentimentos bons.

Como mulher cis e preta, eu sei como é marcante algumas situações na minha vida. O racismo estrutural está presente em todos os meios ao qual eu vivencio desde criança. Minha família é composta por pessoas brancas que casaram com pessoas pretas, meus pais, e meus avós são assim, tanto avós paternos quanto maternos. Houve algumas situações em que pessoas me trataram bem, por exemplo, só depois de conhecerem minha mãe e/ou minha avó, que são pessoas brancas. A nossa sociedade coloca as pessoas brancas numa condição de superioridade e com mais valor do que as pessoas pretas, como eu.

Diversas vezes, no meio acadêmico, me perguntaram se uso drogas. Quando ouço essa pergunta eu costumo brincar dizendo: “É por causa da minha cor né?” para descontrair, mas me entristeço com esse tipo de comentário baseado exclusivamente na minha aparência, como se isso fosse tudo a se esperar de pessoas com a minha cor de pele. O negativismo social que gera um comentário como esse, e até mesmo a depreciação não verbal somada ao pensamento de desvalorização no meio universitário, traz o sentimento de desmerecimento junto com a tristeza, desânimo e inferiorização.

A dificuldade que é enfrentar o racismo contemporâneo, em uma sociedade onde o achismo individual tem mais peso que a realidade, é pouco falada. Consequência disso é, na maioria das vezes, a evasão universitária, o que felizmente, por algum motivo, não coube a mim. Não me acho um tipo comum de ser humano. Gosto de ir atrás das coisas que eu quero independente do que falem. Como mulher lésbica, precisei entender esse conceito desde cedo. Me refiro à heteronormatividade. Assim como um princípio mantenedor da “heterossexualidade compulsória” (Rich, 2010).

Já ouvi algumas vezes colegas do curso dizerem que eu não tenho perfil de estudante de pedagogia. Um comentário levando em consideração meu estereótipo andrógino. Não ter feminilidade é algo que sempre fez parte de mim, meus pais cobraram bastante isso na minha infância, mas com o tempo foi perceptível que eu era daquela maneira. Quando comecei a apresentar interesse em me vestir diferente, caracterizando uma ambiguidade de gênero, a minha identidade visual, eu entendi que o mundo me olharia diferente. Mas não achei que eu teria dificuldade na minha área de trabalho. Só no ambiente universitário que pude ter uma ideia com precisão do peso de ser diferente.

Meu desejo de pesquisar acerca da sexualidade infantil, tem o objetivo de compreender e compartilhar as vivências relacionadas à infância. Que tanto sujeita a criança a circunstâncias, modos e até mesmo cores específicas ligadas a padrões da heteronormatividade. Quero quem sabe fazer um doutorado pensando essas questões.

Meu despertar para essa temática se deu a partir da indignação, com o aspecto vivenciado por mim em sala de aula quando fiz estágio remunerado. Um aluno chamou bastante a minha atenção, já que ele era o único entre os meninos a citar que preferia se juntar às meninas no balé, que fazer futsal com os demais meninos.

Um dado importante é a idade desse aluno, no auge de seus três aninhos. Lembro dele falando ao professor enquanto o professor se referia ao balé como coisa de menina em voz alta diante de toda a turma numa atitude de exposição e tentativa de humilhação desse aluno. A partir desse acontecimento eu pude perceber o quanto importante e necessário é falar sobre gênero nos espaços escolares e de formação docente.

Todas as experiências, fatos e aspectos relatados neste texto, passam a ser não só a organização de uma sequência de temas, mas também o exercício reflexivo necessário ao processo formativo de professoras e professores. Ao apontar vários aspectos relacionados a minha cor, a minha classe social, a minha orientação sexual expresso claramente meu posicionamento teórico e político em relação a essas questões. Ter clareza desses aspectos me ajuda na constituição da minha identidade de professora/pesquisadora. De acordo com Freire, o posicionamento político na atividade pedagógica é não só necessário, mas também primordial. Estar implicada no exercício reflexivo sobre a realidade vivida torna a educação em um ato político e transformador de si mesmo.

O tópico a seguir organiza as ideias do texto num exercício de sistematização das falas que no contexto das metodologias de história de vida em formação, de cunho autobiográfico permitem que possamos refletir, revisitar nossas memórias e nos nutrir de esperanças e sonhos para trilhar novos caminhos, ou seguir em passos firmes pelos caminhos já trilhados.

Considerações Possíveis

Um relato de experiência é um texto inacabado, uma vez que a cada minuto novas experiências e percepção vão se somando às anteriores e compondo um complexo emaranhado de ideias. Para apresentar as considerações possíveis até aqui, retomo as ideias centrais do texto, num exercício de sistematização das falas que no contexto das metodologias de história de vida em formação, de cunho autobiográfico nos possibilitam pensar sobre nós mesmas, pensar sobre o que acontece, pensar no que pode acontecer como um exercício de cidadania, um exercício de constituição de nós mesmas no mundo.

Pensar a minha trajetória no curso de pedagogia no contexto deste relato me possibilitou, refletir sobre a importância dos elementos que me marcam como indivíduo, e compreender assim, os estigmas que limitam a aprendizagem visando à minha formação como docente. Caracterizar a sala de aula a partir das barreiras sociais, e assim, desenvolver como professora, uma aprendizagem capaz de transpassar essas dificuldades predispostas, na busca por um desenvolvimento mais humano dos meus alunos, futuramente.

O projeto Equidade.info, me auxiliou aumentando meu campo de visão para com a pesquisa acadêmica, e a magnanimidade que os efeitos dela trazem consigo para a melhoria da educação, com o objetivo de propor políticas públicas direcionadas a fins específicos e relacionados com a questão da equidade na educação e no mundo. Por se tratar de uma proposta que pensa a representatividade, incluindo a esse pensamento de equidade, também está o aparato para os bolsistas-pesquisadores. Que possibilitam novos conhecimentos e uma formação e qualificação diferenciada e representativa aos acadêmicos.

Portanto, a caminhada transformadora traçada por mim, no decurso deste, traz não só as dificuldades, mas também a perspectiva de futuro possibilitada por meio da minha não desistência do curso. Mesmo quando a vida me fragmentou com a morte do meu pai. Persistir me trouxe a possibilidade de alcançar um certificado de pós

graduação, estudando no exterior e ainda, me permite aprender semanalmente outro idioma.

Consideradas essas ideias com as quais escolho finalizar este relato sobre o meu processo de construção de identidade de pesquisadora. Entendo como fundamental trazer essas temáticas para o centro das discussões no contexto da educação uma vez que homens e mulheres, meninos e meninas têm sido confrontados na sua compreensão e expressão de si mesmos para adequação a padrões normativos que não os representam.

Entendo que a nossa função como educadoras e pesquisadoras é antes de mais desenhar outros possíveis, traçar novas rotas e trilhar novos caminhos ainda não configurados e normalizados, evitando a adoção de modelos de análise fechados e acabados. O que inclui, a transformação e metamorfose do propenso socialmente aos estigmas mencionados neste relato.

Referências

- DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2010
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997.
- JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-139. ago/dez 2009.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays**: gêneros e sexualidades, [s. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução Carlos Guilherme do Valle, 2010.